

A turma do desalinho: bota, bonezinho e barriga

BRASÍLIA — O candidato do PDT, Leonel Brizola, faz questão de se manter fiel às origens gaúchas, embora não seja grande admirador do chimarrão. Pouco preocupado com os ditames da moda, não se acanha de ostentar um par de botas típicas dos vaqueiros dos pampas, mesmo nas ocasiões mais formais, quando o terno e a gravata são indispensáveis. Fora dessas ocasiões, o figurino se completa com um característico lençinho em volta do pescoço.

Luís Inácio Lula da Silva (PT), aconselhado por assessores, tenta se desvencilhar do estilo metalúrgico que lhe deu notoriedade. Depois da viagem à Europa, talvez por influência dos líderes socialistas que por lá conheceu, submeteu-se a um novo visual, modificando o corte de cabelo e o formato da barba. Quer uma imagem mais moderna. Passou também a se preocupar com a harmonia

das cores e já consegue combinar os sapatos com os ternos. A modificação é resultado do esforço para adquirir uma imagem mais condizente com o cargo que pleiteia. Contudo, para não se despersonalizar por completo, Lula continua fiel às partidas de futebol — agora menos frequentes com a campanha — e ao bonezinho de líder sindical.

Ao lado dos vaidosos, convivem na campanha os desleixados com a aparência. Roberto Freire (PCB), por exemplo, se submeteu aos sacrifícios de um regime de emagrecimento num spa em Recife, para acabar com a barriga. Emagreceu cinco quilos, mas engordou oito um mês depois. Diante do insucesso, decidiu descontrair e assumiu a silhueta.

Aureliano Chaves (PFL) também não se preocupa com regimes. Adepto de hábitos rígidos, não fuma e raramente bebe, mas, como bom mi-

neiro, não resiste a um bom prato, apesar do diabetes. Gosta de fazer uma boa sesta e, como Vice-Presidente da República, tornou famoso no Palácio do Planalto seu costume de comer um mamão papaya no meio da tarde. Aureliano se mantém fiel ao tipo que não leva desaforo para casa, característica com que tem provocado algumas inimizades.

A caça ao voto opera verdadeiros milagres. Quem poderia supor que Paulo Maluf, cujo patrimônio pessoal lhe dá acesso às sofisticadas griffes, fosse lançar mão do 752 Vulcabras para angariar votos? Para o dublê de garoto-propaganda estreado e candidato veterano ao Palácio do Planalto, importa apenas que suas aparições diárias em horário nobre na TV revertam em melhores posições no Ibope — não por audiência, mas em intenções de voto.